

RAMIRO FERREIRA NEVES
Padre e Homem de Ciência
D. Teodoro Monteiro

Pedem-me para escrever algumas palavras sobre o homem de Ciência que ele foi. Faço-o tão gostosamente quanto me parece cumprir um dever de consciência. Com efeito, ele dedicava-me tanta amizade e confiança que poucos meses antes de morrer me confiou a sua preciosa coleção de Coleópteros, a sua valiosa biblioteca científica e os seus instrumentos de óptica microscópica. Mas, se o faço com alegria e gratidão, não falta o receio de que minguem talento e competência para abordar figura tão eminente.

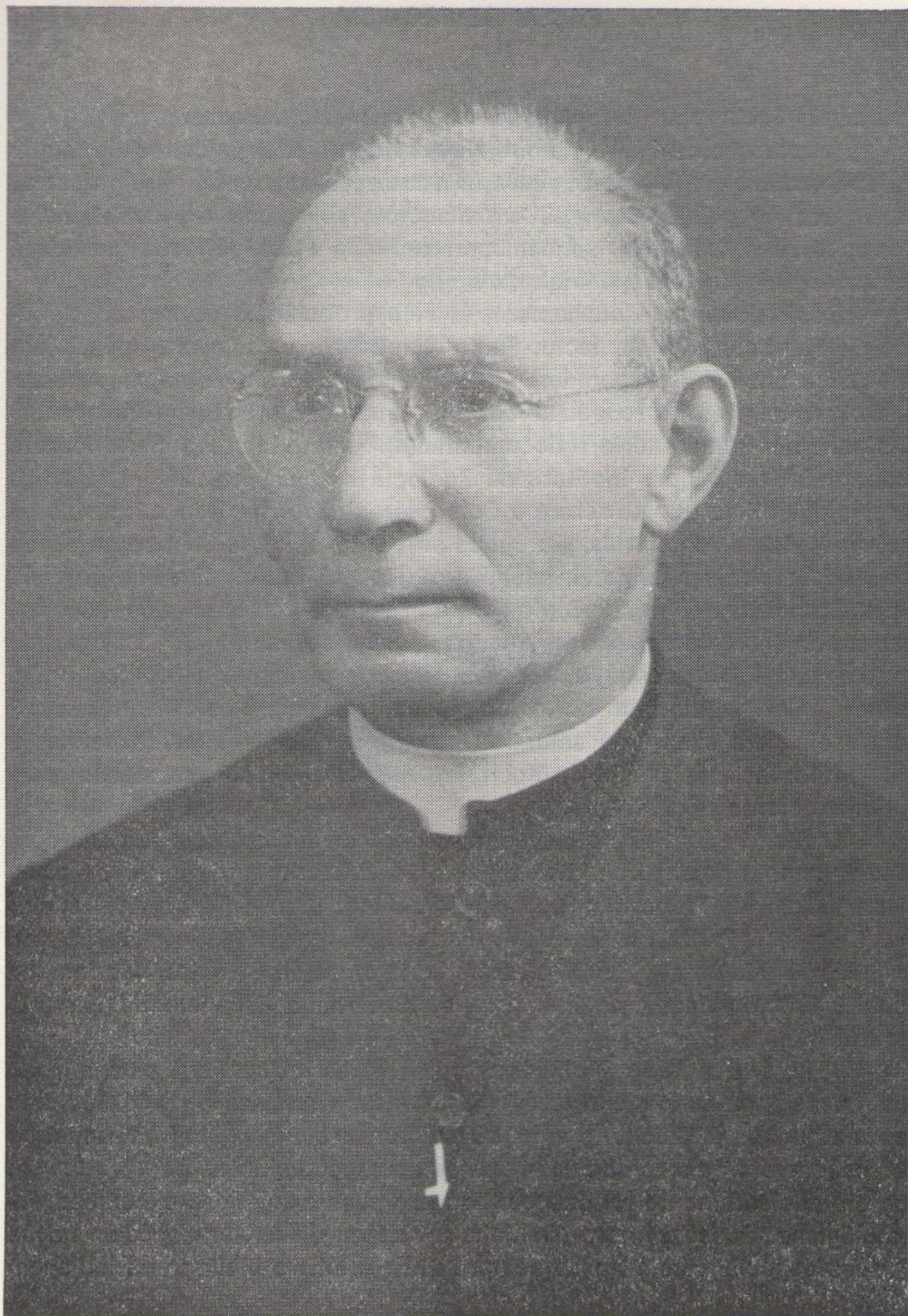
Os meus primeiros contactos com o Rev.º Padre Ramiro dos Santos Ferreira Neves começaram em 1942, época em que eu ensaiava os primeiros passos no campo da Entomologia e em que ele já era mestre. Não nos dedicávamos ao estudo da mesma classe de insectos: ele estudava os Coleópteros; eu a classe dos Lepidópteros. Todavia, posso certificar que ele foi o meu primeiro mestre e estimulador. Mestre, ensinando-me os métodos de colheita e a técnica microscópica; estimulador, pondo ao meu dispor livros da sua rica biblioteca e acarinhando os meus primeiros sucessos como se dele fossem. Era um verdadeira amigo, leal e desinteressado, apaixonado por dois grandes amores: o amor da sua paróquia, que

PAÇOS DE FERREIRA

não descurava em nada; e o amor dos seus Coleópteros, que guardava em pequenas caixas de madeira e de cartão, com tampos de vidro, protegidas com folhas de jornal, para que a luz não desbotasse os seus queridos insectos. A sua meticulosidade chegava a incutir-me medo, consciente de que nunca viria a ser um entomologista delicado, preciso e cuidadoso como ele.

O Padre Ramiro Neves visitava muitas vezes o Mosteiro de Singeverga. Vinha sempre a pé e através dos montes que separam Penamajor de Singeverga (10 km.). Fazia destas deslocações outras tantas excursões entomológicas, porque, com efeito, apresentava-se sempre munido dos apetrechos para a colheita dos Coleópteros: um guarda-chuva e um frasco provido de um tubo de borracha. O guarda-chuva abria-o debaixo dos arbustos, sacudindo-os ao mesmo tempo. Era então uma delícia ver as dezenas de insectos multicores que rodopiavam na umbela virada para cima. Pegava então no frasco e aspirava os insectos pelo tubo de borracha até caírem no frasco. Maneira perfeita de não causar o mínimo dano aos exemplares colhidos. Toda a zona dos arredores de Penamajor foi assim palmilhada e milhares de arbustos sacudidos e milhares de pedras levantadas, para surpreender os Coleópteros lucífugos. Completava os seus apetrechos de campanha uma espátula de metal, para levantar a casca das árvores e descobrir as espécies xilófagas. Chegava a casa com largas dezenas de Coleópteros que recolhia num frasco com cianeto de potassa, veneno que com seu vapor deletério mata quase instantaneamente. Depois vinha o trabalho de os espetar em alfinetes próprios que comprava na Checoslováquia. Ajeitava-lhes as patas e as antenas e seguidamente alinhava-os ordenadamente nas caixas. Os microcoleópteros colava-os em pequenas tiras de cartão fino que mandava vir também do estrangeiro.

Nos últimos anos da sua vida dedicou-se especialmente a estes microcoleópteros e no seu estudo empregou o melhor das suas horas. Foi neste campo que conseguiu encontrar verdadeiras preciosidades e novidades para a Ciência. A colheita destes microcoleópteros requiere técnica mais apurada e paciente e Padre Ramiro das Neves estava perfeitamente familiarizado com ela. Grande número destes insectos vive debaixo da terra, nas raízes das plantas, sobretudo nos jardins. É preciso escavar cuidadosamente, joeirar a terra com peneira própria e em seguida, com a ajuda de uma lupa, procurar surpreender os irrequietos e minúsculos habitantes das trevas. Os viveiros do Moreira da Silva, no Porto, foram com



PADRE RAMIRO FERREIRA NEVES — Nasceu em Monte Córdova, 17-11-1885. Faleceu em Penamajor, 10-11-1962.

PAÇOS DE FERREIRA

muita frequência lugar de pesquisas e descobertas valiosas.

A colecção de Padre Ramiro Neves conta vários milhares de exemplares e mostra que ele aproveitava as suas escassas férias para percorrer as regiões do país mais ricas em insectos, sobretudo o Alto Minho e Trás-os-Montes. Mantinha também permuta com estrangeiros, o que dá à sua colecção valor excepcional.

Dedicava-se apaixonadamente e com proficiência ao estudo científico da sua colecção. De facto, Padre Ramiro Neves não era apenas um colector e um hábil preparador. Era acima de tudo um estudioso apaixonado. Para este efeito rodeou-se dos instrumentos de trabalho indispensáveis para um estudo sério e documentado. A sua biblioteca científica era superior à de qualquer Instituto de Zoologia do país, no que se refere à Entomologia. E no que se refere a Coleópteros não é fácil encontrar biblioteca mais rica e actualizada. Em óptica estava igualmente bem apetrechado com um bom microscópio Zeisse e uma lupa binocular. Em boa verdade ele não precisava do microscópio para a preparação e estudo dos insectos, mas a sua ânsia de saber e de ser útil levou-o ao estudo da Citologia, da Histologia, da Bactereologia, etc. Os médicos vizinhos, sobretudo o Dr. Jaime de Barros, director clínico do Hospital de Paços de Ferreira, recorriam a ele para exame de amostras patológicas, especialmente bacilares e de preferência do bacilo de Koch. Era nestas análises que ele utilizava o seu excelente microscópio.

O rev.º Padre Ramiro Neves mantinha correspondência assídua com especialistas estrangeiros. De entre eles destacarei *Otto Scheerpellz*, Viena d'Áustria; *Francisco Español*, Barcelona; *dr. H. Normand*, Tunísia; *Dr. R. Jeamel*, Paris; *Dr. Hustache*, Paris; *Edoardo Gridelli*, Triste (Itália).

Era sócio efectivo da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, da Société Entomologique de France e da Sociedade Española de História Natural.

A notória modéstia de Padre Ramiro Neves fez com que se confiasse num quase anonimato científico. As numerosas raridades e novidades com que enriqueceu a Ciência confiou-as sempre a especialistas estrangeiros que descreveram cerca de duas dezenas de espécies novas para a Ciência, que ele pacientemente foi descobrindo nas suas exaustivas excursões entomológicas. Quase sempre ele tinha a certeza de enviar espécies novas a esses especialistas e quase sempre tinha à mão a bibliografia indispen-

sável para fazer ele mesmo o estudo do seu precioso material. Mas a sua timidez e um raro sentido da responsabilidade o levaram a conferir a outros a glória das suas descobertas, embora o seu nome ficasse ligado a elas para a posteridade. Esta discutível atitude era-lhe inculcada não somente por natural timidez e modéstia, mas também pelo zelo que punha em não descurar em nada os seus paroquianos. Ele só reservava para o estudo o tempo que lhe sobejava das lides pastorais e esse era pouco. Porque, como ele mesmo dizia, «para ser um bom entomólogo é preciso ao levantar, estudo, ao pequeno almoço, estudo, ao meio dia, estudo; à tarde, estudo; à noite, estudo». Isto é, vida de um verdadeiro e apaixonado profissional da Ciência. Ora, Padre Ramiro Neves, muito modestamente se chamava «simples amador».

Foi sobretudo nos últimos anos que se dedicou aos Coleópteros endógeos. Parecia que nesta última fase da sua vida tinha perdido um pouco da sua timidez e estava a preparar um trabalho sobre algumas espécies novas. Fez os desenhos, magníficos de perfeição, e tomou alguns apontamentos, a maior parte a lápis e difíceis de interpretar. Dessas notas e desenhos pude inferir que ele preparava a descrição de um Género novo e de seis espécies novas, que ainda não tinha denominado. Seriam elas:

Geomilopsis nov. gen.

Leptolyphlus sp.

Patonommalus sp.

Abromus sp.

Cephennium sp.

Cylindropsis sp.

Mayetia sp.

Estava a documentar-se sobre estas espécies novas quando a doença fatal o surpreendeu.

Portanto, Padre Ramiro Neves não foi um publicista. Apenas consegui encontrar uma publicação dele: «Notas Entomológicas», vindas a lume nas Memórias e Estudos do Museu Zoológico da Universidade de Coimbra, em 1941. Nelas apresenta duas dúzias de Coleópteros novas para Portugal. Tenho a impressão de que estas notas pretendiam continuar a série de «Notas Entomológicas» da autoria de José Maximiano Correia de Barros,

célebre coleopterologista, cuja colecção se encontra no Instituto de Zoologia da Universidade do Porto em perfeito estado de conservação, sendo uma das mais valiosas colecções do país.

A amizade e autoridade científica de Correia de Barros foram um tanto despersonalizantes para o rev.^o Padre Ramiro Neves, porquanto este confiava àquele a publicação da maior parte das raridades que ia encontrando, e assim mais o nosso Padre Ramiro Neves se ia encobrindo no anonimato — o que foi deveras muito lamentável, porque o público, mesmo os meios científicos do país nunca chegaram a aperceber-se do seu real valor como investigador. Eis o que o próprio Correia de Barros diz no n.^o V das suas «Notas Entomológicas» (1924): «Presumo que são novas para a fauna de Coleópteros de Portugal as espécies a seguir mencionadas. Algumas das mais raras e características foram descobertas pelo ilustrado sacerdote Sr. Padre Ramiro das Neves, o qual começando há pouco, mas com competência, o estudo dos Coleópteros da sua região, tem já recolhido interessantes formas novas para a nossa fauna».

Não me foi fácil detectar na meratona científica contemporânea as espécies novas para a Ciência, descobertas por Padre Ramiro Neves e descritas por autores estrangeiros. Consegui encontrar dois Géneros novos, 11 espécies novas e 2 subespécies novas, lista que estou convencido deve ser incompleta. El-la:

Iberodytes Jeannel, nov. gen. (1949).

Oligotyphlopsis Scheerpeltz, nov. gen. (1951).

Iberodytes Ramiroi Jeannel, nov. sp. (1949).

Oligotyphlopsis *Nevesi* Scheerpeltz, nv. sup (1951).

Hydrochus *angustatus* Ramiroi Roubal, nov. subsp. (1941).

Apion *Ramiroi* Hustache, nov. sp. (1941).

Phlieicharis *Nevesi* Scheerpeltz, nov. sp. (1951).

Oxytelus *plagiatus* *Nevesi* Scheerpeltz, nov. subsp. (1951).

Quedius *Nevesi* Scheerpeltz, nov. sup. (1951).

Quedius *Ramiroi* Scheerpeltz, nov. sp. (1951).

Microcreagris *portugalensis* Beier, nov. sp. (1952).

Faronus *lusitanicus* Besuchet, nov. sp. (1969).

Tychobytinus *lusitanicus* Besuchet, nov. sp. (1969).

Anommatus *grandis* Dajoz, nov. sp. (1969).

Abromus *lusitanicus* Dajoz, nov. sp. (1969).

PAÇOS DE FERREIRA

Como se verifica, as últimas quatro espécies foram estudadas e publicadas depois da morte de Padre Ramiro Neves. De facto especialistas estrangeiros continuam a solicitar material da sua colecção para completarem seus trabalhos. Em 1969 o suíço Besuchet, especialista em Coleópteros hipógeos, estando a fazer um estudo sobre a Península Ibérica, pediu a título devolutivo, o material existente na colecção de Padre Ramiro Neves. Enviei-lhe umas dezenas de Coleópteros endógeos que causaram a surpresa daquele especialista, porquanto no material enviado encontrou quatro espécies novas para a Ciência. É evidente que a colecção do Padre Ramiro Neves continua a esconder preciosidades e é muito para lamentar que não apareçam no país especialistas apaixonados por esta classe dos Insectos, para nos darem a conhecer em toda a sua amplitude, o valor desta colecção. Entretanto ela está aberta à pesquisa dos estudiosos, enquanto não é colocada num dos Museus dos Institutos de Zoologia do país.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Beier, M — 1952 — Weiteres zur Kenntnis der Iberischen Pseudoscorpioniden-fauna, *Eos, Rev. Esp. Entm.* 28 (4): 293-302. Madrid.

Besuchet, Claude — 1969 — Faronus nouveaux ou meconnus de la Péninsule ibérique (Col. Pselaphidae), *Mitt. der Schweize. Entom. Gesells.* 42 (1-2): 106-116. Lausanne, Suisse.

Correia de Barros, José Maximiano — 1907 — Quelques Coléoptères nouveaux pour la faune du Portugal, *Bull. Soc. Port. C. Nat.* 1 (3). 1-14. Lisboa. 1924 — Notas Entomológicas V, *Ann. Inst. Zool. Univ. Porto*, 1 1-11. Porto. 1934 — *Cathormiocerus* Sch. da fauna portuguesa, *Mem. e Est. Mus. Zool. Univ. Coimbra*, série I, 74. Coimbra.

Ferreira Neves, Pe. Ramiro dos Santos — 1941 — Notas Entomológicas, *Mem. e Est. Mus. Zool. Univ. Coimbra*, Série I, 118. Coimbra.

Jeannel, Dr. R. — 1949 — Un scaritide endogé nouveau du Portugal — *Rev. Franc. Entom* — vol. XVI, Fasc. 3, 1949. Paris.

Scheepelz, Otto, — 1929 — Monographie 1er Gattung *Olophrum* Er. (Col. Staphylinidae), Viena. Austria. — 1951 — Neue Staphyliniden aus Portugal (Col), *Eos, Rev. Esp. Entom.* 27 (1): 97-141. Madrid.